

**Julián Carrón**  
**HÁ ESPERANÇA?**  
**O fascínio da descoberta\***

### CAPÍTULO 3 O SOBRESSALTO IMPREVISÍVEL

O presente, com seus trancos, desvelou algumas estruturas da vida que tínhamos dado por certas. “É assim que os fatos funcionam. Furam qualquer bolha de presunção, arrebentam as teorias, destroem as convicções.”<sup>1</sup> Para muita gente tornou-se urgente, de repente, ainda que por poucos instantes, a exigência de um significado último, perante a vida e a morte, que nunca conseguimos manter totalmente sob controle. Não é uma novidade que muitas evidências desmoronaram, já não fazem parte da nossa bagagem cultural de origem. E se, como disse Morim, a incerteza é a marca do nosso tempo, ela foi ainda mais amplificada pela pandemia, por sua gravidade e persistência. Independentemente da posição de partida, está difícil ficar ancorado ao já sabido, confiar com inércia na ilusão de ter as rédeas da vida. Mas talvez, paradoxalmente, ver despedaçar-se algumas das nossas presunções pétreas e experimentar o crescimento de uma rachadura na parede das nossas seguranças seja uma facilitação, como canta Leonard Cohen: “Há uma rachadura em tudo / É assim que a luz entra”.<sup>2</sup>

#### 1. “Um imprevisto é a única esperança. Mas dizem-me que é tolice dizê-lo”

O duelo recomeça toda manhã. Todo mundo pode vê-lo ao despertar, quando se dispõe a enfrentar a viagem do dia que vem cheio da expectativa de realizar-se. É um drama eficazmente descrito numa conhecida poesia de Montale, *Antes da viagem*.

“Antes da viagem perscrutam-se os horários,  
as correspondências, as paragens, as dormidas  
e as reservas (de quantos quartos com banho  
ou duche, de uma cama ou duas, ou mesmo um flat);  
consultam-se  
guias Hachette e guias dos museus,  
trocam-se valores, cambiam-se  
francos por escudos, rublos por copeques;  
antes da viagem informa-se  
algum amigo ou parente, controlam-se  
malas e passaportes, completa-se  
o vestuário, compra-se uma recarga  
de lâminas de barba, dá-se eventualmente  
uma olhadela ao testamento, pura  
superstição, já que os desastres aéreos  
em percentagem são hoje nada:

---

\* Em processo de publicação.

<sup>1</sup> I.B. Singer, *Nemici. Una storia d'amore*, Milão: Adelphi, 2018, pp. 145-146.

<sup>2</sup> “*There is a crack, a crack in everything / That's how the light gets in*” (“Anthem”, letra e música de Leonard Cohen do álbum *The Future*, 1992, Columbia Records).

antes  
da viagem está-se tranquilo, mas com a suspeita  
de que a sabedoria é não nos movermos, e de que o prazer  
de regressar tem afinal um custo exagerado.  
E depois parte-se e tudo está OK e tudo  
vai pelo melhor, e é inútil.

.....  
E agora o que será  
a *minha* viagem?  
Com excessivo cuidado a venho eu estudando  
sem dela saber nada. Um imprevisto  
é a única esperança. Mas dizem-me  
que é tolice dizê-lo.”<sup>3</sup>

Podemos preparar tudo para enfrentar a viagem da vida, de cada dia, de cada hora, com os respectivos compromissos. No entanto, antes ainda de sabermos como será, podemos confessar a nós mesmos: “Tudo vai pelo melhor, e é inútil”. Por mais inconscientes ou distraídos que estejamos, temos o pressentimento da dimensão da nossa espera e de antemão já temos certeza de que todos os nossos preparativos não servirão ao propósito, não serão capazes de proporcionar-nos o que esperamos, de realizar a espera com que acordamos de manhã ou com que começamos a viagem. A experiência que já vivemos ensinou-nos isso. Então entendemos como é verdade que “um imprevisto é a única esperança”: deve ocorrer algo que não está incluído nos nossos planos, que ultrapassa os nossos preparativos, as nossas projeções. “Só o que nos vem de fora, gratuitamente, de surpresa, como um dom do acaso, sem que o tenhamos procurado, é que é alegria pura. Ao mesmo tempo, o bem real só pode vir de fora, jamais do nosso esforço. Em nenhum caso podemos fabricar algo que seja melhor do que nós mesmos.”<sup>4</sup>

A possibilidade desse imprevisto representa o ápice da espera humana. “Mas dizem-me / que é tolice dizê-lo”, conclui Montale. Se, por um lado, ele reivindica tal imprevisto – como “a única esperança” –, por outro nega a sua possibilidade. Os “sábios” declaram, com efeito, que é coisa de criança, só para gente ingênua, pensar que esse imprevisto realmente possa acontecer. Também nós sentimos a força dessa tentação e concordamos: “Sim, é tolice dizê-lo”. Mas será verdade? Se desafiarmos a frase submetendo a razão à experiência, notamos que a única verdadeira tolice é forçar o real dentro do horizonte estreito do nosso “já sabido”, é achar que já sabemos tudo, ditando os limites do possível, e então não esperar nada.

“Tenho a impressão”, diz o atribulado protagonista do último romance de Michel Houellebecq, “de que, mesmo quando se mergulha na verdadeira noite, na noite polar, aquela que dura seis meses seguidos, ainda subsiste o conceito ou a lembrança do sol. Eu havia entrado numa *noite sem fim*, mas ainda subsistia alguma coisa dentro de mim, bem menos que uma esperança, uma incerteza, digamos. Também se pode dizer que, mesmo quando pessoalmente a gente já perdeu a partida, quando já jogou a última carta, alguns [...] ainda acalentam a ideia de que *algo lá no céu* vai anular a mão, [...] e isso apesar de nunca terem vislumbrado, em momento algum da vida, uma intervenção, nem sequer a presença de uma divindade qualquer, apesar de terem plena consciência de que não merecem especialmente a intervenção de uma deidade favorável, e apesar de saberem que, a julgar pelo acúmulo de erros e falhas que constitui sua vida, merecem menos que qualquer um”.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> E. Montale, “Antes da viagem”, in David Mourão-Ferreira, *Revista Colóquio/ Letras*. Tradução de poesia, n. 165, set. 2003, p. 150.

<sup>4</sup> S. Weil, *L'ombra e la grazia*, Milão: Bompiani, 2002, p. 85.

<sup>5</sup> M. Houellebecq, *Serotonina*, São Paulo: Alfaguara, 2019.

A única verdadeira tolice é negar a possibilidade do evento. A esse respeito, Giussani fala de um verdadeiro “delito contra a suprema categoria da razão, a categoria da possibilidade”.<sup>6</sup> Embora a posição cética pareça a mais razoável, trata-se na verdade de um delito contra a razão. Ninguém pode afirmar – isto, sim, seria tolice – que conhece tudo, domina tudo, consegue prever tudo o que pode ocorrer, a ponto de excluir a possibilidade de acontecer o imprevisível de que fala Montale. A categoria da possibilidade pertence à natureza da razão. Portanto, a única posição realmente razoável é deixar a possibilidade aberta. Não só no início, mas sempre, agora, em qualquer momento da vida.

Deixar aberta a possibilidade de que ocorra algo que ultrapasse as nossas capacidades preditivas não é renunciar à razão, mas viver até o fundo a razão, conforme sua natureza e seu ímpeto original: janela escancarada para a realidade, e não medida. O ceticismo preventivo em relação a tudo o que ultrapassa a nossa medida é um bloqueio da razão, não seu ápice, e nos concerne mais do que imaginamos, entra em nós quase sem o percebermos.<sup>7</sup>

Escreveu-me um jovem amigo: “Queria contar-lhe brevemente como vivi este último período, após ter lido a pergunta destes Exercícios: ‘Há esperança?’ A canção que melhor descreve estes meses é *Amare ancora*, de Chieffo: ‘Que amargura, meu amor, / ver as coisas como eu as vejo’. Descubro que não tenho o mesmo frescor que tinha nos meus primeiros anos de faculdade, não tenho a mesma simplicidade no olhar: o ceticismo que invade o mundo invade-me também a mim. Muitas vezes sinto uma resistência grande em dizer que é Deus quem me dá as coisas e que elas são um dom. Olho para uma paisagem maravilhosa e vejo em mim uma suspeita sutil quanto à experiência de correspondência que vivo diante dessa beleza. É uma suspeita que me faz mal, me provoca uma grande tristeza: que *amargura* ver as coisas deste jeito! Tenho esta amargura porque fui testemunha e protagonista de um jeito diferente de olhar a realidade: a música que estudo, o céu, o mar, as montanhas, as árvores, tudo era reconhecido como sinal de Alguém que me prefere, que me afirma como um ser único, exclusivo e irrepetível no universo inteiro. Eu vivo esse mesmo ceticismo, com imensa dor, também em relação a Cristo, Àquele que reconheci presente nesta companhia. A canção prossegue: ‘Bastaria apenas voltar a ser criança e lembrar... / [...] que tudo é dado, / que tudo é novo e livre’. Eu vivi isso nos meus primeiros anos de experiência no CLU [os universitários de Comunhão e Libertação], e realmente foi o paraíso na terra”. Então pergunta: “Há esperança de que eu possa voltar a ser como uma criança, a olhar como antes? É possível reeducar este olhar que se corrompeu?”

Há um ceticismo que nos invade, e com ele uma suspeita que estraga qualquer ocasião de beleza que se apresente no nosso caminho.<sup>8</sup> A sombra que tal suspeita projeta sobre tudo o que de belo aparece aos nossos olhos é como uma maldição. E das entranhas da tristeza que dela deriva vem a pergunta: “Há esperança de que eu possa voltar a ser como uma criança, a olhar as coisas como antes? É possível reeducar este olhar que se corrompeu?” É a mesma pergunta do velho escriba Nicodemos, doutor da lei: “Será que eu posso nascer de novo, mesmo sendo velho?”<sup>9</sup> Que graça podermos repeti-la de uma forma não retórica – como uma citação entre outras, quase para tapar a nossa indignação com um punhado de cultura –, surpreendendo-a enquanto desponta do íntimo de nós mesmos em toda a sua verdade! “É possível nascer de novo, mesmo sendo velho?”

Vemos bastante em nós uma falta de disponibilidade, de abertura à possibilidade, uma facilidade em fechar, em trancar a porta ao que acontece. Uma universitária escreveu: “Nos meses que

<sup>6</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p. 47.

<sup>7</sup> Observa Vassili Grossman, através de um personagem de seu grande romance: “Começo a ter a sensação de aqui não ter restado nada dos homens, exceto a suspeita” (Cf. V. Grossman, *Vida e destino*, São Paulo: Alfaguara, 2014).

<sup>8</sup> Daniélou destaca: “Este é o drama do homem de hoje. Hoje vivemos no universo da desconfiança, num mundo em que fomos tão enganados, que já não acreditamos na palavra verdadeira, e semelhante mundo é assustador” (J. Daniélou, *La cultura tradita dagli intellettuali*, Milão: Rusconi, 1974, pp. 28-29).

<sup>9</sup> “Como pode alguém nascer, se já é velho? Ele poderá entrar uma segunda vez no ventre de sua mãe para nascer?” (Jo 3,4).

antecederam a segunda onda, quantos momentos jogados fora! Parecia que nada tivesse a ver comigo. Depois, no mês de novembro aconteceram muitas coisas que criaram uma brecha. Em primeiro lugar, fui diagnosticada com covid e então comecei meu isolamento de 25 dias no meu quarto. Paradoxalmente, foi o momento em que mais me senti acompanhada, tanto por rostos queridos quanto por rostos novos. Durante o mês mesmo de isolamento, eu me envolvi na organização das eleições universitárias e foram dias bem intensos. A companhia que me fizeram no mês de novembro foi realmente uma coisa excepcional para mim, ainda mais se penso na circunstância particular em que tudo isso se deu. Durante os últimos dias de quarentena foi também o meu aniversário: ainda na condição de total isolamento e afastamento dos amigos, tive a possibilidade de rever novamente um amor enorme e gratuito por mim, da parte de todos aqueles rostos especiais, que, de maneiras muito criativas, me acompanharam durante o dia inteiro. Sinto-me realmente agradecida e afortunada. Azurmendi<sup>10</sup> encontrou o Movimento pelo rádio, e eu fui pega de novo quando estava sozinha no meu quarto, com as chamadas no Zoom e as eleições. Precisei ter covid para voltar a viver as coisas? De verdade, não há nada previsível e ordinário no modo como o Mistério nos alcança. Então a questão fundamental, digo-me, é pedir para estar disponível. Mas justamente isso às vezes me parece dramático, e, quanto mais o nada acomete os meus dias, mais acho difícil fazê-lo”.

Darmo-nos conta de como é fundamental essa abertura, essa disponibilidade, é já um grande passo. Muitas vezes parece que não é nada estarmos abertos e disponíveis, mas é a questão fundamental, tanto que Jesus diz: “Bem-aventurados os pobres no espírito, pois [apenas] deles é o Reino dos Céus”.<sup>11</sup> Quer dizer: é necessário que aquilo que pode cumprir a espera do coração encontre em nós a abertura e a disponibilidade para o deixarmos entrar, encontre a “rachadura” pela qual sua luz pode introduzir-se.<sup>12</sup>

Parece-nos impossível, como eu disse. Mas e se acontecesse? E se o encontrássemos? E se viesse procurar-nos? E se, como escreveu Manuel Vilas no jornal *El País*, “a beleza caísse do céu para todos os homens e todas as mulheres deste planeta”?<sup>13</sup> Se o imprevisto acontecesse, precisaríamos ter ainda uma última disponibilidade, uma lealdade que está intimamente ligada ao exercício da razão e que nunca, de forma alguma, é já certa. “‘Razoável’ designa aquele que submete a própria razão à experiência”<sup>14</sup> – é uma frase de Jean Guitton que nunca vou deixar de repetir, de tão decisiva que é para viver –. Quando acontece algo imprevisto, cada um verifica – põe à prova – a própria disponibilidade para submeter a razão à experiência. Tal disponibilidade é um gesto de maturidade que o homem só alcança depois de um longo caminho, se não tiver um coração de criança.<sup>15</sup>

Pode haver muitas situações em que nos apercebemos da atitude que temos. “Sou enfermeira no centro cirúrgico e em novembro fui jogada na terapia intensiva de covid. Achava que estava à altura, dado o desejo de ajudar que eu tinha. Ledo engano! A realidade encontrada era de uma

---

<sup>10</sup> Mikel Azurmendi, antropólogo e filósofo basco, em sua longa carreira debruçou-se sobre alguns dos temas mais importantes da sociedade moderna, como a imigração, o nacionalismo, o jihadismo e o valor público da experiência religiosa. Ao seu encontro com Comunhão e Libertação dedicou o livro *El abrazo. Hacia una cultura del encuentro / L'Abbraccio. Verso una cultura dell'incontro*, publicado na Espanha pela Editorial Almuzara em 2018 e na Itália pela Bur-Rizzoli em 2020. [Veja aqui](#), p. \*\*.

<sup>11</sup> Mt 5,3.

<sup>12</sup> Lewis escreve a respeito: “Não consigo, pelo esforço moral direto, dar motivos mais nobres às minhas ações. Depois dos primeiros passos na vida cristã, nos damos conta de que tudo o que realmente precisa mudar na alma só pode ser feito por Deus. [...] Nós, na melhor das hipóteses, permitimos que ele o faça” (C.S. Lewis, *Cristianismo puro e simples*, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 255-256).

<sup>13</sup> M. Vilas, “La poesía” *El País*, 29 de dezembro de 2020.

<sup>14</sup> J. Guitton, *Arte nuova di pensare*, Roma: Edizioni Paoline, 1981, p. 71.

<sup>15</sup> Observa Lewis: “Cristo nunca quis que fôssemos como crianças na *inteligência* – muito pelo contrário. Ele nos exortou a não ser apenas ‘simples como as pombas’, mas também ‘prudentes como as serpentes’. Quer de nós um coração de criança, mas uma cabeça de adulto” (C.S. Lewis, *Cristianismo puro e simples*, op. cit., p. 101).

dureza que eu não conseguia suportar, tudo o que eu era e pensava ser, todas as certezas eram varridas para longe quando eu cruzava a porta daquela ala. Comecei a pensar que não conseguiria e pedi para mudar de ala. Mas as perguntas que machucam exigem respostas, e não uma mudança de circunstâncias, então ficaram lá paradas. Voltando então às alas de covid, primeiro percebi que havia colegas muito jovens, contratados por causa da crise, que tinham um gosto no trabalho e uma paixão que me impressionavam e reanimavam em mim a vontade e o desejo de estar lá. É preciso alguém para seguir que tenha estampada na cara, com clareza, uma esperança. É preciso alguém que reabra o horizonte.”

## 2. Há quem afirme que o imprevisto aconteceu

“Encontramos o Messias.”<sup>16</sup> É a notícia que atravessa a história: aquilo que o nosso coração espera fez-se presente, o imprevisto de que Montale falava aconteceu, num lugar e num tempo. Esta notícia percorre a história desde o dia em que João e André cruzaram com Jesus de Nazaré nas margens do Jordão, pouco mais de dois mil anos atrás.

Nós, que fomos alcançados por esta notícia, estamos diante do problema da sua credibilidade: Jesus de Nazaré é realmente aquele que diz ser? É realmente Deus feito homem? Consideremos, de fato, o conteúdo do anúncio. O que teria ocorrido? O termo incógnito da nossa espera, o infinito a que o nosso coração aspira, o “sem limites” tornou-se um homem, fez-se presente: “E a Palavra se fez carne”.<sup>17</sup>

Os nossos calendários ainda são configurados conforme a data desse fato, desse acontecimento. Estamos em 2021 *depois* de Cristo. Mas não é suficiente a pura transmissão verbal da notícia para torná-la crível aos nossos olhos. Não nos pode ser suficiente encontrá-la escrita em algum livro de religião ou de história e todo ano no calendário. De que forma o conteúdo que ele traz é verificável? Quem chega no dia seguinte ou dois mil anos depois – dá na mesma – do Seu desaparecimento do horizonte terrestre, “como pode ser colocado em condições de perceber se Ele responde à verdade que pretende ser?”<sup>18</sup>

Começemos por dizer que, uma vez que aconteceu na história como fato, deve ser identificável como fato também hoje para ser reconhecido como a realização da nossa espera. Devem ser respeitados os traços originais do anúncio cristão: “um divino que se fez homem”,<sup>19</sup> um homem que podia ser encontrado pela rua, uma presença integralmente humana, que implica o método do encontro.

Se há dois mil anos o que realizou a aspiração infinita do homem foi um fato, hoje não podem ser discursos ou regras; tampouco pode bastar-nos ler seu relato num livro, por mais importante que seja. O coração humano não mudou, a exigência de plenitude permaneceu idêntica, e só um fato pode corresponder a ela. Assim como a vacina para a covid: tem de ser algo real, ao alcance de todos, para podermos verificar sua eficácia. Não basta saber que foi descoberta, cada um terá de poder vê-lo, tocá-lo, surpreender-lhe os efeitos positivos em si mesmo.

Desta forma, esse “fato” de dois mil anos atrás deve ser identificável por nós hoje, como o foi para os primeiros que encontraram Jesus. Mas como é que essa presença pode ser encontrada por você e por mim, pelo homem de hoje, dois mil anos depois? Que rosto tem, que fisionomia tem? “Jesus Cristo, esse homem de dois mil anos atrás, encerra-se, torna-se presente sob a tenda, sob o aspecto de uma humanidade diferente. O encontro, o impacto, se dá com uma humanidade diferente, que nos toca porque corresponde mais às exigências estruturais do coração que qualquer

---

<sup>16</sup> Jo 1,41.

<sup>17</sup> Jo 1,14.

<sup>18</sup> L. Giussani, *Por que a Igreja*, São Paulo: Cia Ilimitada, 2015, p. 24.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 40.

forma que possa assumir nosso pensamento ou nossa imaginação: nós não esperávamos uma coisa dessas, nunca sequer teríamos sonhado com isso, era impossível, é algo que não pode ser encontrado em outro lugar qualquer.”<sup>20</sup>

É como aconteceu com Mikel Azurmendi, que, enquanto estava no hospital em estado grave, deparou com algo que trazia em si uma diversidade humana, uma tônica nova em relação a tudo o que houvera antes: ele escutou no rádio um jornalista que demonstrava um jeito de julgar os acontecimentos diferente do dos outros e o reconheceu como finalmente correspondente; tendo saído do hospital, encontrou outra pessoa da mesma companhia, que o olhou de um jeito tão humano a ponto de fazê-lo experimentar uma correspondência totalmente única à sua experiência elementar; e depois outra, e outra ainda, e viu que todas essas pessoas tinham a mesma tônica, o mesmo olhar, estavam no real de um jeito diferente, mais humano; e isso o atraía enchendo-o de admiração e desafiando-o profundamente.<sup>21</sup>

É uma dinâmica que pode, aliás, deve acontecer também com quem já fez um determinado encontro e vive em banho-maria numa experiência como a cristã; senão, depois do encontro, escorrega para o ceticismo de Montale.

Escreveu-me um jovem universitário: “Até há poucos dias, parecia que a minha vida tinha perdido a cor: eu estava murchando. Um dia, meu pai recebeu um telefonema do trabalho em que lhe disseram para fazer um PCR por precaução, depois do contato com um cliente positivo assintomático. Dois dias depois o resultado saiu positivo, todos em quarentena. Na semana seguinte, passado o perigo, segui em frente quase por inércia. Mal tinha forças para conversar com algum amigo, pois, para mim, na vida de casa não há espaço para isso que você chama de acontecimento. Depois de alguns dias, de saco cheio desse contínuo flutuar, tentei com todas as minhas forças lançar-me nas coisas para fazer (ajudar minha mãe em casa, cozinhar para a família), a fim de achar algum lampejo de vida verdadeira, mas nada, aliás, o limite me afundou ainda mais. Então me enfiei nos livros. O tempo passou, vi a hora, eram 18h30, e me lembrei de que havia o encontro dos universitários com você. Tive dois minutos de hesitação: ‘Vou, não vou’, e no fim me conectei. Num determinado momento, ouvi alguém dizer: ‘Depois da experiência de plenitude vivida durante as eleições universitárias, que aliás terminaram com um resultado inesperado e muito satisfatório, senti um estranho mal-estar. Como faço para viver novamente aquela experiência de plenitude, agora que voltei às atividades mais corriqueiras?’ E você começou a responder: ‘Os particulares que nos deixam um estranho mal-estar são decisivos...’ Algo se acendeu, e passei o resto do encontro grudado na tela do computador, esperando outras palavras que me devolvessem a vida. Fechei o Zoom. Voltei para a ‘vida verdadeira’. Jantei, tirei a mesa, fiquei um pouco assistindo TV, tudo parecia normal, mas quando fui para a cama não conseguia dormir, repensei no que você nos tinha dito e, deixando de lado meu orgulho, me pus a rezar de um modo tão humano, que pensando agora ainda me comove. No dia seguinte eu não era mais o mesmo! Sentia em mim uma tranquilidade ‘absurda’, que misteriosamente se transformou em tratar a minha família, cozinhar e estudar com uma letícia inimaginável. E pensar que eu nem queria me conectar! Fico completamente tomado pela gratidão. Que incrível viver assim!”

Nós podemos reconhecer a verdade da notícia que nos chega hoje apenas se depararmos com um acontecimento de humanidade nova e experimentarmos a mudança que ele produz em nós: uma “tranquilidade ‘absurda’” – o adjetivo com que os jovens de hoje caracterizam uma coisa surpreendentemente grande – e uma “letícia inimaginável”, pois o homem não as pode dar a si mesmo por conta própria. Como escreveu Cabásilas, trata-se de uma “vida nova, porque não tem

<sup>20</sup> L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Milão: Bur, 2020, p. 201. Cf. “Algo que vem antes”, *Passos*, jan. 2008.

<sup>21</sup> Cf. J. Carrón, *Vê-se só o que se admira*, Dia de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação. Por videoconferência, *clonline.org*, 26 de setembro de 2020.

nada em comum com a antiga, melhor do que qualquer coisa que possamos conceber, porque, embora seja própria da natureza humana, é vida de Deus”.<sup>22</sup>

### 3. Irredutibilidade do fato cristão

Olhemos melhor para a natureza desse “fato” que produz uma humanidade nova. Todos nós estamos imersos numa história que veicula, muito ou pouco, a notícia do cristianismo, provocando reações diversas. Penso ainda em Azurmendi. Antropólogo e sociólogo reconhecido, sabia do cristianismo, conhecia sua doutrina, a moral, os valores, mas não foi esse conhecimento o que lhe despertou o interesse pelo cristianismo quando era já idoso. Pelo contrário, distanciara-se havia anos, pusera uma pedra sobre o assunto, como se diz. O que fez disparar nele a centelha, alguns anos atrás, a ponto de acender-lhe uma curiosidade e um desejo de descobrir novamente o que era o cristianismo, derrubando o muro que os conhecimentos anteriores haviam construído? O que desafiou sua atitude, sua posição? Um “fato” que se mostrou irredutível às suas explicações de estudioso e de homem, que ele não conseguiu encaixar nas categorias com que até então olhara para a realidade, incluído o cristianismo.

Era um “fato” que não podia ser subsumido ou englobado no seu ordenamento geral, que não podia ser explicado pelo quadro conceitual que ele utilizava, por seus esquemas de pensamento. Azurmendi não pôde “subsumir” – isto é, reconduzir, englobando – num de seus conceitos ou universais abstratos, como diz Giussani,<sup>23</sup> o fato representado por aquele programa de rádio – e depois pelos outros encontros ocorridos depois que saiu do hospital –, devido à diversidade mesma que continha. E isso introduziu nele um conhecimento novo, um jeito novo de tratar tudo, regenerou-o. Ele tornou-se mais ele mesmo. Como disse o amigo citado acima: “No dia seguinte eu não era mais o mesmo”, era mais ele mesmo.

Nem tudo pode caber nos conceitos consolidados, nos esquemas em que estamos acostumados a englobar o que acontece. Há fatos que não se deixam reduzir, que trazem consigo algo que contesta, que rompe, que excede o quadro conceitual disponível. Esses “fatos”, como tanto dissemos, são “pessoas, ou momentos de pessoas”<sup>24</sup> que carregam consigo uma novidade, uma verdade humana profundamente desejável, sem comparações, que parece impossível: São Paulo, por isso, fala de “criatura nova”. “Ser um homem novo significa ser alguém que em toda a sua vida anuncia, por meio do que já está presente nele, Aquele que vem.”<sup>25</sup> Quem depara com esses fatos e com essas pessoas, e por eles se deixa atrair, começa a experimentar em si a mesma novidade na forma de viver a realidade, e é o primeiro a surpreender-se com isso: “Que incrível viver assim!”

“Caro Julián, nos últimos seis meses aconteceu algo que marcou profundamente o meu jeito de estar na frente de tudo: o nada de que tanto falamos entrou brutalmente na minha vida. Num dia qualquer de junho, chegou a notícia de que o namorado da minha irmã havia tirado a própria vida inesperadamente. Foram dias de grande dor e perturbação. Fiquei em casa com minha irmã, para lhe fazer companhia. Era evidente que nenhum tipo de discurso, religioso ou não, podia salvar-nos do drama que este fato tinha suscitado em nós, abrindo uma ferida que constantemente sangrava: o que resiste para mim, hoje? O que quer dizer, agora, que Cristo venceu a morte há dois mil anos? O que significa que a morte não é a última palavra sobre tudo, principalmente diante de alguém que a escolhe? Como é que a vida pode ser mais vida? Como eu posso viver agora o cêntuplo nesta vida?”

<sup>22</sup> N. Cabásilas, *La vita in Cristo*, op. cit., p. 126.

<sup>23</sup> “A mentalidade comum [...] para julgar, tende sempre a subsumir os aspectos particulares dentro de um universal abstrato” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 83).

<sup>24</sup> L. Giussani, Cartaz de Páscoa de 1992; o texto completo do Cartaz está em L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Milão: Bur, 2014, p. 366.

<sup>25</sup> P. Evdokimov, *L’amore folle di Dio*, Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2015, p. 69.

Tudo o que foi comunicado a ela, como promessa do cristianismo, treme com esse abalo: será que tudo isso é verdade? “E minha irmã? Enfim, há esperança? Tive de reconhecer que, desde logo, pouco a pouco, a companhia de alguns amigos começou a aumentar a consciência de que Cristo se fez carne para mim, para que eu possa experimentar a intimidade e a concretude da relação com Ele. Experimentei aquilo que você escreveu em *O brilho dos olhos*: ‘Cristo é uma presença contemporânea. Dar-se conta disso implica a mesma e idêntica experiência de dois mil anos atrás [...], o impacto com uma presença de humanidade diferente, que desperta um pressentimento novo de vida, que nos marca porque corresponde como mais nada à sede estrutural de sentido e de plenitude que há em nós. Também hoje se trata da experiência de um encontro no qual [...] “está encerrado todo o significado, [...] todo o desejável, todo o justo, todo o belo e todo o amável”’. Cristo estava vencendo em mim, em todas as minhas feridas e objeções em relação àqueles meses, com a Sua contemporaneidade, que naqueles dias passava pelos traços humanos daqueles amigos. O olhar d’Ele produzia em mim a esperança de que nada seria perdido daquela vida aparentemente jogada fora e do seu entrelaçamento com a vida da minha irmã e a minha. Digo isto não porque eu seja uma fanática, mas porque esta é a minha experiência: para mim é impossível separar a pergunta ‘Há esperança?’ da Sua carne presente aqui e agora.”

A criatura nova é o fruto desse acontecimento. Vemos o acontecimento inicial vibrar hoje no sujeito novo que ele gera. Voltemos mais uma vez às palavras de Giussani: a criatura nova tem “uma capacidade de conhecer o real diferente da dos outros”. Ela “nasce da adesão a um acontecimento, do *affectus* a um acontecimento a que estamos apegados, a que dizemos sim. Esse acontecimento é um particular na história: tem uma pretensão universal, mas é um ponto particular. Pensar partindo de um acontecimento significa em primeiro lugar aceitar que eu não defino esse acontecimento, antes sou definido por ele. É nesse acontecimento que se evidencia aquilo que realmente sou e a concepção do mundo que tenho. Isso desafia a mentalidade comum, que, para julgar, tende sempre a subsumir os aspectos particulares dentro de um universal abstrato”.<sup>26</sup>

A novidade que o acontecimento introduz na vida também é a verificação, a demonstração da verdade do encontro inicial. De fato, como posso saber se o particular com que deparo é o acontecimento de Cristo hoje? Demonstra-se – como nos testemunhos que acabei de citar – a sua “pretensão universal”, a sua capacidade de iluminar toda e qualquer circunstância ou situação, mesmo a mais perturbadora: a morte.

“Tenho percebido cada vez mais impressionado que a esperança tem como origem o contínuo reacontecer de uma presença irreduzível e totalmente correspondente ao coração. Vi que me foram dados fatos que me estão sustentando, e que não posso reconduzir ao bom-mocismo ou ao temperamento de alguém. No começo de dezembro, um querido amigo meu entrou no mosteiro: a humanidade plena e apaixonada pela vida que ele me testemunhou, a certeza de ter encontrado a Deus e, em virtude desse amor, de ‘já ter tudo’ – a ponto de poder deixar tudo, ‘pois nada é perdido’ – continuam sendo um ponto de não retorno para os meus dias. Só com a sua ida para o mosteiro e com a própria forma da sua vida, lembra-me com força que a resposta total à espera do meu coração existe e posso encontrá-la. É um ponto de memória enorme: entro nos dias e nas coisas com uma espera ardente que me faz viver um diálogo com tudo. Mas que nexos há entre a sua presença ‘totalmente conquistada’ e a esperança? Há alguns meses, um amigo descobriu que tem ELA. No drama dessa circunstância, não consigo apagar de mim aquele seu rosto que – continuamente – chega à noite e me diz: ‘Esta noite também, pelo que vi e aconteceu, vou dormir feliz e grato: o Senhor está cumprindo Sua promessa’. A doença tem piorado cada vez mais, e ele está grato: o que sustenta a possibilidade de felicidade total do seu coração, mesmo dentro do fato de não poder fazer absolutamente nada? Eu não vejo o que ele vê, mas vejo a ele, que me é dado. No fim do ano propus a alguns amigos que são escoteiros comigo fazermos um encontro sobre o primeiro capítulo de *O senso religioso*, com o desejo de lhes entregar o instrumento que mais me tem ajudado a viver:

<sup>26</sup> L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 82-83.

o coração. Quando, no fim de dezembro, lhes pedi que compartilhassem a coisa mais bonita do ano (e, num ano de covid, havia a possibilidade de só falarmos de dificuldades, negatividade e dor), um deles disse: ‘Todas as vezes que falam, numa reunião ou num encontro com alguém, sobre o coração, eu me pergunto: será que eu escuto meu coração? Consigo segui-lo? É a descoberta mais preciosa deste ano!’ Quando há poucas semanas fecharam a escola – sou professor –, na frustração inicial apareceu uma pergunta: será que de novo me é dada a ocasião para aprender a amar esses alunos que hoje estão presentes e amanhã não estão mais? Com esse questionamento fui à Missa e me comovi quando me dei conta de que, mesmo na fase vermelha, mesmo com a escola fechada, Cristo continua dando-se a mim. ‘O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives’: eis a esperança! Onde vive? Na presença impossível mas real do amigo no mosteiro, no rosto alegre do amigo que está indo ao encontro do seu destino na doença, no Movimento que me gera permitindo que eu me dê conta de tudo isto até o ponto de apostar no coração de jovens ‘à mercê’ do mundo. Quantos fatos estou vendo, todo dia, que me fazem experimentar a correspondência e me lembram que Cristo está vivo e é tudo! Só isso me sustenta. Poucos dias atrás, para o gesto de ‘caritativa’ do qual participo, levei a cesta básica a uma família. Ofereceram-me café; tendo nos olhos todos estes fatos, decidi, pela primeira vez, ficar um pouco. Na sala, à devida distância, estava toda a família. Uma das filhas me olhava, em silêncio, e dava para ver que tinha dentro de si uma pergunta: ‘Por que você está aqui? Por que se interessa por nós?’ Quando Cristo habita o coração, a realidade – até a desconhecida – vira uma casa habitável. Agradeço de joelhos o Movimento por ser guardião desse olhar humanamente vivo e repleto de esperança: porque é Ele presente, que se faz carne na minha vida.”

Para desafiar a mentalidade de todos, o “fato” não precisa ser algo espetacular. A força do fato, desse particular, não depende de sua espetacularidade. Por até ser um mero sopro, mas é um sopro em que há uma diversidade que magnetiza. Sua força e sua unicidade residem na diversidade que carrega. Azuemendi a identificou muito bem no jornalista que falou no rádio. Para indicar esse fato, num diálogo de 1980 com Giovanni Testori, Giussani falava de pessoas que são “presenças”.<sup>27</sup>

Geralmente somos testemunhas de fatos como esses descritos, mas não raro, em vez de os seguirmos com simplicidade, como fez Azurmendi, englobamo-los no nosso sistema de pensamento, no já sabido. E então não nos dizem nada de novo. É possível pertencer à história cristã, na qual se veem muitos desses fatos, e continuar reduzindo o cristianismo a ética, a rito ou a estereótipos tomados do imaginário comum. Nenhuma destas reduções, contudo, é capaz de suscitar esperança.

No momento em que o cristianismo acontece como acontecimento e é acolhido, damos-nos conta da diversidade que ele introduz na vida. Quem participa do cristianismo como acontecimento desmascara qualquer imagem redutiva dele. Ocorreu a uma jovem amiga que me escreveu: “Alguns dias atrás, sucedeu uma coisa que me ajudou a entender o que aconteceu na minha vida. Estava conversando com minha mãe sobre o Natal, e num dado momento ela me disse brincando que no fundo que acreditar que Papai Noel existe, porque tem necessidade de pensar que haja uma figura que traga esperança, um rosto no qual pense e de quem diga: ‘Ele pode tudo, nele deposito a esperança de que tudo dê certo’. Esse comentário da minha mãe me fez entender a preferência de que fui objeto ao encontrar o Movimento. Minha mãe é uma mulher de fé, vai à missa todo domingo, mas deposita sua esperança no Papai Noel, pois para ela é um rosto definido, concreto! Para mim foi a prova de que às vezes Deus é reduzido a uma coisa abstrata, a uma ideia. Mas eu encontro Deus todos os dias, Ele está presente e eu consigo reconhecê-lo por pertencer a uma história. Ter descoberto isto no encontro com esta história específica fez nascer em mim a esperança”.

---

<sup>27</sup> “Eu não consigo achar outro indício de esperança que não seja a multiplicação dessas pessoas que sejam presenças. A multiplicação dessas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre essas pessoas” (L. Giussani, G. Testori, *Il senso della nascita*, Milão: Bur, 2013, p. 116).

O deparar com presenças irredutíveis liberta-nos da condenação de sucumbir às imagens tomadas da mentalidade geral. Só essas presenças é que trazem dentro de si, entranhado, o fundamento da esperança.

“Há esperança?” É uma pergunta que põe contra a parede. Num tempo como este (estudo Medicina, e a situação da saúde me interessa ainda mais de perto) não dá para responder com frases teóricas por muito tempo. No fim do dia, as questões roubam o sono e as forças. Obrigatoriamente a resposta deve ser verdadeira, deve resistir à dramaticidade dos dias; caso contrário, a resposta teórica só deixa tudo mais pesado [acaba por aumentar o niilismo, acrescento eu]. Tentando responder à pergunta: ‘Há esperança em relação à doença do meu pai?’, a única coisa que me permite responder é olhar para meu pai. Há esperança em relação a esta pandemia? O que logo me vem à mente [parece um sopro] são os olhos entusiasmados de uma amiga, que na dureza do trabalho do hospital não recua. E assim por diante, analisando todas as situações que acho difíceis, a única coisa que me permite dizer que há alguma esperança são alguns rostos para os quais essa esperança existe. Mas aqui o drama se adensa, não se aquieta: vendo-os me dá uma grande vontade de ser como eles e de conseguir encarar a vida com os mesmos olhos [como se deu com Azurmendi, que dizia a si mesmo: ‘Como eu gostaria de olhar o mundo como esse jornalista olha!’], mas noto que não pode ser um esforço meu, senão no fim do dia eu só iria dormir contando cada vitória ou derrota [seria como reduzir de novo tudo a ética]. Então me pergunto: ‘De que adianta?’ Todos os dias me surpreendo com alguém que vive com verdade, que me atrai e me põe em movimento, por me fazer invejar seu jeito de olhar para as mesmíssimas coisas das quais eu já estou de saco cheio às oito da manhã. Essa atração, na maioria das vezes, se apaga duas horas depois, mas algumas vezes faz com que eu me lance mais. Pergunto-me, então: é só segui-los? É só entrar em relação com essas presenças reais que pontuam meus dias e pelas quais me sinto compreendida, ainda que só por um instante, em todas as minhas dificuldades e dramas?”

A resposta a esse questionamento traz um problema de liberdade. Diante de presenças que carregam consigo o fundamento da esperança, cada um de nós deve decidir, antes de mais nada, se segue o desejo de ser como elas e de estar na companhia delas ou não.

#### 4. A experiência e os critérios do coração

Mas como reconhecer essas presenças pelo que são, pelo que carregam, por seu verdadeiro valor, até a origem de sua diversidade? É uma questão que concerne a nós e que não foi poupada nem aos apóstolos. Aliás, eles mesmos foram os primeiros a ter de enfrentá-la.

Quando a presença de Jesus começou a impor-se e sua fama passou a difundir-se, pelas coisas que dizia e fazia, também passaram a circular as várias interpretações da sua figura, com a colaboração daqueles que se sentiam ameaçados em seu poder, em sua “autoridade”, isto é, os escribas, os fariseus, os intelectuais e os chefes do povo. Como puderam entender, aqueles primeiros que foram atrás d’Ele, que valia a pena seguir aquele homem, ficar ligado a Ele, apostar a vida inteira n’Ele?

Como reconhecer, entre tantos rostos humanos parecidos, o rosto? Qual critério podemos usar? Já nos deveria ser familiar, já o deveríamos ter aprendido com a experiência. O único critério adequado para reconhecer as presenças que carregam um significado adequado para a vida é aquele com o qual a natureza nos projeta na comparação universal com tudo o que encontramos: o coração, um conjunto de evidências e exigências – de verdade, beleza, justiça, felicidade – que vêm à tona quando estamos comprometidos no que provamos. “Na experiência, a realidade [...] que o impressiona, que o choca (*affectus*)”, diz Giussani, “traz à tona os critérios do seu coração, desperta

o seu coração, que antes estava confuso e dormia. Portanto, desperta a você mesmo. E aí começa o seu caminho, pois você está acordado, é crítico”.<sup>28</sup>

São critérios objetivos e infalíveis que atuam em nós, inclusive apesar de nós mesmos, e não nos dão descanso. Como demonstrou Pavese dramaticamente. Em 14 de junho de 1950, depois de ter recebido o Prêmio Strega, escreveu: “Voltei de Roma, já faz tempo. Em Roma, apoteose. E daí?”<sup>29</sup> Era como se se tivesse realizado aquilo que ele mesmo anotara muitos anos antes em seu diário: “Há uma coisa mais triste que não alcançar os próprios ideais: conquistá-los”.<sup>30</sup> Menos de um ano antes da sua morte, confessou: “Quantas vezes nestas últimas notas você escreveu *E depois?* Começamos a estar enjaulados, não?”<sup>31</sup> Em 22 de junho de 1950, com efeito, ante a notícia do grande sucesso escreveu: “É uma felicidade. Sem dúvidas. Mas quantas vezes ainda a apreciarei? E depois?”<sup>32</sup> O que faltava à sua vida tão bem sucedida aos olhos do mundo? 17 de agosto de 1950: “Não importam os nomes. São algo mais que nomes improvisados, nomes casuais – se não esses, outros? Fato é que agora sei qual é meu triunfo mais alto – e a esse triunfo falta a carne, falta o sangue, falta a vida”.<sup>33</sup> Sob o peso dessa falta, dez dias depois tiraria a própria vida!

Camus anota uma experiência análoga em seus *Cadernos*, no dia do grande êxito: “17 de outubro. O Nobel. Estranha sensação de abatimento e melancolia”.<sup>34</sup>

Não podemos obliterar os critérios constitutivos do coração, a exigência de significado, de justiça, de felicidade, de amor. Até certa medida, podem ser calados ou censurados, mas não extirpados. São intrínsecos à experiência. Giussani denuncia a dificuldade que temos em reconhecer que “o princípio que permite julgar a experiência está na própria experiência”. Porém, ressalta, “se não fosse verdade que os princípios com os quais se deve julgar a própria experiência estão dentro dela mesma, o homem seria alienado, pois teria de depender de uma coisa que não está nele para tecer um julgamento sobre si mesmo”.<sup>35</sup> Tais exigências não nascem no que alguém prova, “mas nascem nele, diante do que prova, nascem nele, empenhado com o que prova”,<sup>36</sup> e julgam o que ele prova.

O critério para julgar deve ser “imaneente à estrutura originária da pessoa”: trata-se do “critério objetivo com o qual a natureza lança o homem na comparação universal, dotando-o daquele núcleo de exigências originais, daquela experiência elementar com que todas as mães dotam, do mesmo modo, os seus filhos. Somente aqui, nesta identidade da consciência última, é que se supera a anarquia”,<sup>37</sup> o subjetivismo.

Não podemos falar de experiência, como por vezes se tentou fazer, identificando-a com o mero provar alguma coisa. “A categoria de *experiência* que usamos tem um valor absolutamente crítico”, afirma Giussani. Ela não deve ser entendida como uma “immediatez sentimental”, mas como “o lugar onde o impacto com a realidade provoca as exigências constitutivas do coração humano, desenvolvendo a busca por uma resposta às provocações postas pela realidade”. Daqui a consequência: “A *experiência* é, portanto, o âmbito em que a pessoa é chamada a verificar se o fato de Cristo – a verdadeira e grande hipótese de trabalho – é capaz de responder aos questionamentos despertados, com uma autenticidade e uma completude, na visão dos fatores, que nenhuma das outras propostas tem”. E logo depois acrescenta: “Por isso, CL se apresenta unicamente como uma vontade de redescobrir e viver de um jeito mais autêntico o fato de que a fé cristã, tal como se

<sup>28</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, 2011, p. 83.

<sup>29</sup> C. Pavese, “14 luglio 1950”, in Idem, *Il mestiere di vivere*, op. cit., p. 360.

<sup>30</sup> C. Pavese, “18 dicembre 1937”, in Ibidem, p. 66.

<sup>31</sup> C. Pavese, “16 ottobre 1949”, in Ibidem, p. 340.

<sup>32</sup> C. Pavese, “22 giugno 1950”, in Ibidem, p. 360.

<sup>33</sup> C. Pavese, “17 agosto 1950”, in Ibidem, p. 362.

<sup>34</sup> A. Camus, *Taccuini. 1951-1959*, III, Milão: Bompiani, 1992, p. 223.

<sup>35</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 83-84.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>37</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 22, 27.

manteve no seio da ortodoxia, responde melhor do que qualquer outra proposta às exigências profundas do homem”.<sup>38</sup>

É por isso que o verdadeiro desastre de hoje é o enfraquecimento da consciência de tais exigências, o ofuscamento da consciência de nossa própria identidade. De fato, Cristo veio para responder a seres humanos, não a “seres áridos como robôs”. Como escreve – já citei a frase – Reinhold Niebuhr: “Nada é tão inacreditável quanto a resposta a uma pergunta que não é feita”. Aqui está, então, “o único intento de CL”: “testemunhar a razoabilidade da fé, a fé como *obséquio razoável*, onde por razoável se entende – segundo a concepção de Santo Tomás – a experiência de uma correspondência entre a proposta da fé e as exigências estruturais da consciência humana”.<sup>39</sup>

A diversidade do evento cristão está toda na experiência que ele gera. O fato do encontro com Jesus provoca nos discípulos a experiência de uma correspondência incomparável: “Encontramos o Messias”. Todos os outros eventos favoráveis, que até desejamos aconteçam na vida, incluindo os sucessos que conseguimos obter, não satisfazem a espera, não mantêm a promessa, são, no fim das contas, fonte de uma profunda decepção. Diante deles, nós também nos reconhecemos na reação de Pavese: “E daí?”

Voltemos ao ponto. A experiência em sentido autêntico, como lugar de conhecimento e de verificação, não pode ser identificada com uma simples impressão subjetiva ou com uma reação sentimental. A experiência é uma “unidade de ato vital resultante de um tríptico fator: a) O encontro com um fato objetivo [...] independente da pessoa que faz a experiência [...]. b) O poder de perceber adequadamente o significado desse encontro. [...] c) A consciência da correspondência entre o significado do Fato com que a pessoa se depara e o significado da sua própria existência [...]. É a consciência de tal correspondência que verifica aquele crescimento de si, essencial para o fenômeno da experiência”. Desta forma, numa experiência autêntica estão necessariamente atuantes “a autoconsciência e a capacidade crítica do homem”.<sup>40</sup>

É aquilo que, em outras palavras, disse o profeta Isaías: “Ah, se rasgasses os céus e descesses!”, isto é, se o imprevisto acontecesse, se Deus respondesse de verdade à nossa espera, “diante de ti as montanhas se derreteriam!”<sup>41</sup> O sinal do cumprimento da promessa é o sobressalto, o impacto provocado pelo acontecimento. É o que aconteceu com Isabel: assim que “ouviu a saudação de Maria, a criança saltou de alegria em seu ventre”.<sup>42</sup> É o mesmo sobressalto de João e André, que, depois de terem deparado com Jesus e terem passado com Ele a tarde inteira, disseram a todos: “Encontramos o Messias!” É o sobressalto que Azurmendi também teve: “Não esperava encontrar nada disso na minha vida. Foi uma surpresa tremenda. Totalmente fora do normal. [...] Pouco a pouco entrei num estado emocional de admiração”.<sup>43</sup> O sobressalto é o sinal do recontar desse acontecimento.

Portanto, eu posso reconhecer o divino presente em determinadas presenças, como Isabel reconheceu Jesus no ventre de Maria, por causa da correspondência ao coração, à minha humanidade, que experimento no encontro com elas e que se manifesta no “sobressalto”. E a verificação desse encontro está em sua capacidade de me introduzir na totalidade do real, de me permitir enfrentar qualquer situação, de desafiar qualquer circunstância. “[Cristo], na sua vinda, trouxe consigo toda novidade, trouxe toda a novidade ao trazer-se a si mesmo”<sup>44</sup> – diz Santo Irineu

<sup>38</sup> L. Giussani, “Il ragionevole ossequio della fede”, entrevista concedida a A. Metalli, *30Giorni*, n. 5, 1988, pp. 40-41.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 98-99.

<sup>41</sup> Is 63,19.

<sup>42</sup> Lc 1,41.

<sup>43</sup> “O abraço”, transcrição da entrevista televisiva com Mikel Azurmendi, realizada por Fernando de Haro para o Meeting de 2020, em J. Carrón, *Vê-se só o que se admira*, op. cit., p. 10.

<sup>44</sup> “*Omnem novitatem attulit, semetipsum afferens*” (Santo Irineu, *Adversus Haereses*, IV, c. 34, n. 1. *Adversus haereses*, IV, c. 34, n.1: PG 7 pars prior, 1083).

–, trouxe a novidade de todas as coisas. Que experiência não devem ter feito aqueles primeiros cristãos, para chegarem a descrever Cristo desta maneira!

Aconteceu e continua acontecendo. Aconteceu nos meses passados com o gerente de um bar no coração da zona universitária, frequentado primordialmente por estudantes.

“Nós, do CLU, somos uns dos poucos que continuam indo à faculdade nas pouquíssimas salas de estudo abertas. Toda manhã pegamos o café para viagem no mesmo bar, e fiquei amigo dos donos dos bares. Sexta-feira de manhã, meu primo foi o último a entrar e perguntou ao gerente, que trabalha nesse bar desde 1982, como as coisas estavam indo, e ele lhe respondeu: ‘Olha, o trabalho vai mal, mas por sorte vocês estão aqui: sei que vocês são de CL, dá para ver na hora, porque são como os de trinta anos atrás, quer dizer, são os únicos que dão um respiro à zona universitária’. Como é possível, perguntei-me, ele ter percebido que somos de CL e reconhecido que é a mesma coisa de trinta anos atrás? Mas, principalmente, como é possível nós, entre os quais também estou incluído, sermos definidos como os únicos que dão um respiro à zona universitária? A razão não é uma capacidade nossa ou minha. Não, a questão é que eu fiz um encontro que ficou gravado, que marcou permanentemente o meu coração, a ponto de tornar diferente o meu jeito de olhar para a mesma realidade de todos: não é preciso que eu faça coisas mirabolantes, basta simplesmente que eu seja eu mesmo. Por isso, em mim cresceu a consciência e a confiança de que, no fim, ou há Cristo ou não há nada, nada! E é assim porque na minha experiência aconteceram muitos fatos que se tornaram cada vez mais ‘demãos de cola’ que fizeram e fazem com que eu me apegue a esta companhia, tanto que digo: ‘Longe d’Ele, para onde vou?’ Eu vivo neste período e, perante os dados, não estou desesperado, graças à experiência que faço: é uma expansão da minha fé também para o futuro. A arma com que combato no meu dia a dia o desafio que a situação me apresenta é a confiança, a fé. Tendo esta certeza, sem fazer nada de especial, mas sendo eu mesmo, carrego algo a mais além de mim mesmo. Só agora vivo o presente com uma esperança.”

Para o gerente do bar foi fácil reconhecer uma diversidade nesses jovens, por causa do respiro que levavam para a sua vida.